24 MAIO 28
Nº 18
J.G. VIEIRA
ARLEQUIM

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS:

Por anno 40$000

Por semestre 22$000

GERENTE:

Horacio K. de Andrade

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se ás Quintas-feiras, em São Paulo.

Redacção e Administração

Rua Libero Badaró 28, - 3.º andar, - sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE 2-1024

DIRECTORES:

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR:

J. G. Villin

Corpo de Redacção:

PEDROSO D'HORTA, MERCADO JUNIOR, FELIX DE QUEIROZ, OLIVEIRA RIBEIRO NETO, DE LIMA NETTO

Collaboradores

ALBA DE MELLO (SORGIÉRO), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIT PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE CAMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO CE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, SILVEIRA BUETO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCGINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA. LÉO VAZ, ETC.

Os pontos de vista do dr. Josias

NO "hall", á hora do café, depois de um jantar farto, com vinhos e champanha.

A roda é fina e elegante. Ha muitas senhoras que, em levantando a questão do amor, suscitaram, sem o querer, a do adulterio.

O cavalheiro mais cynico levantou a lebre, lançando o mote: « « Si soubesse do adulterio de sua esposa que faria ?"

— Eu mataria os dois.—

— Eu não. A mulher é fraca e deixa-se seduzir. Depende de um pouco de labia, em hora propicia. Eu mataria o seductor.

— Fraca a mulher ? Ella é sempre a maior culpada. O homem só se lança ao encalço da presa, quando sente nisso o incitamento. Para mim só ella deveria morrer.

— Eu penso diversamente. A honra de um homem não pode depender da volubilidade de um sentimento por sua natureza varia. Não mataria ninguem. Limitar-me-ia a pôr a infiel fóra de casa. O despreso da sargeta é o estigma mais justo da mulher perjura.

— E os filhos ?

— Pois eu, si a poupasse, afim de não sacrificar innocentes, tel-a-ia em casa como uma desconhecida.

— Acabaria perdoando.

— E' bem possivel. E quem sabe si não seria essa a melhor solução ?

— E o senhor, Dr. Josias, como agiria num momento critico como esse ?

— Eu sou solteiro.

— Nós tambem fomos.

— Mas, pelo que vejo, nesse tempo, nunca lhe fizeram uma pergunta embaraçosa como essa e deante tantas damas bonitas.

— Vamos, dr., deixe as evasivas. Tem ahi todas as soluções possiveis com os seus partidarios. Qual preferiria o senhor ?

— Homem, não sei. Creio que nenhuma.

— Ora essa ! Por uma havia de decidir-se.

— Affirmo-lhe sinceramente que não sei. Tudo dependeria da impressão do momento. Não posso, assim a frio, figurar-me ao vivo um momento angustioso como esse. Só o choque subito do facto nu e brutal poderia impulsionar-me e eu agiria dentro dessa impulsão de accordo com o sentimento a explodir. Não posso imaginar como deflagrariam os meus nervos. Os nervos têm o habito de só funccionarem no instante preciso, sem se preoccuparem com o que a razão pensa. Poderia muito bem acontecer que eu não sentisse nada.

— Ahi está. O senhor não perde a mania. Sempre a preoccupação da originalidade.

(Está conforme. Não esqueça o leitor que este dialogo pertence quasi á pre-historia, realizado que foi antes da guerra. .)

SUD MENNUCCI

Um Remorso Infundado

Meu tio era, innegavelmente, um homem trabalhador. Aos 50 annos conseguira juntar uma respeitavel fortuna. Livre de cuidados, dispoz-se então a gozal-a devidamente. Comprou uma linda casa em Guarujá, adquiriu um excellente automovel e uma noiva 30 annos mais moça que elle e morreu, deixando-me todos os bens e a noiva, que não acceitei.

Era natural que eu ficasse satisfeitissimo, como fiquei. Entretanto, ha alguma coisa que me incommoda como um espinho, vedando-me fruir plenamente tantas vantagens.

Quando se ultimavam os aprestos para o enterro, pareceu-me que meu tio não estava bem morto. Tive a impressão de que respirava brandamente no esquife e ia levantar-se de subito. Durante uma hora hesitei entre o alvitre de interromper o enterro e o de deixar que tudo se fizesse conforme a praxe; e, se optei por este ultimo, foi pelo receio de estar equivocado e cahir no mais cruel dos ridiculos. Se alguem, entretanto, achar que, por medo ou ridiculo, não se deve permittir o enterramento de uma pessoa viva, tenho a consciencia livre de egual peccado, atire-me a primeira pedra.

Póde, tambem a malevolencia inventar que me induziu ao silencio, o facto de saber que, continuando a viver, meu parente iria casar-se com a inconsolavel noiva que lhe velava ao lado o ultimo somno, desviando de mim toda herança. Responderei categoricamente — NÃO! A ninguem transmitt iminha suspeita, porque não tinha o direito de duvidar da morte de quem fallecera rodeado de medicos. Seria horrivel a scena que, no caso de estar enganado, provocaria na camara ardente; sem contar que meu acto irreflectido, com certeza infundiria em sua ex-futura esposa douradas esperanças das quaes seria dolorosissimo dissuadil-a novamente.

Tolerando, porém, por condescendencia excessiva, a hypothese dos meus possiveis calumniadores· era eu ou ella quem ia casar-se com o meu tio? E, se era ella, porque, então, não salvou o supposto defuncto, tendo nisso muito mais interesse do que eu, que ganharia, com o desapparecimento do velhote, justamente o que ella ia perder?

Que lei poderia impor-me o dever de propugnar seus direitos contra os meus, entregando-lhe a riqueza e reduzindo-me á miseria?

Juridicamente, ninguem póde negar-me razão. Meu tio estava morto de accordo com a lei. E de accordo com a lei, pertence-me agora tudo quanto era delle. Não preciso mais reflectir sobre o assumpto e, sim gozar a felicidade a que Deus e os homens me dão direito. Mas, se estava vivo de facto, embora morto de direito, neste momento, com toda certeza, já morreu.

Todos estes raciocinios me acalmam durante um instante, mas a preoccupação mergulha em meu cerebro como um rhisoma e resurge logo após, apoquentando-me continuamente. Qualquer dia irei ao cemiterio e, de cumplicidade com o coveiro, exhumarei o cadaver, afim de verificar perfeitamente a morte. Talvez seja necessario separar-lhe a cabeça do corpo para tranquilizarem de uma vez.

FABIO SOUZA QUEIROZ

DESPEDIDA

Você ia partir.
satisfeita, feliz,
com a felicidade dos que não sofrem amôr,
dos que nunca sentiram brilhar nos olhos
uma lagrima sincéra de saudade.
Eu estava tão triste,
que você, por curiozidade, quiz saber porque.
Para não contar a minha dôr, a razão,
porque você não saberia compreender,
ainda tive forças para sorrir
naquêle momento tão triste de separação.
Sorrizo de quem sorri porque é precizo,
de quem tem na alma alguma coiza a chorar...

E você foi-se embóra..
Por malvadez, como sempre,
levando meu coração comsigo, ao partir,
para ter, naturalmente, com o que se divertir...

Botelho de Miranda

A Borboleta e a Flor

Amanhece.

A borboleta "iris" liberta-se afinal do seu casulo.

Tão linda !...

Agora, poisada num ramo de romanzeira, espera que o sol venha aquecel-a e seccar-lhe as azas..

O zephiro brinca com a borboleta "iris" ,que ainda está estremunhada do longo somno que dormiu no seu casulo..

Bafeja-a.. sopra-a com força...

A borboleta "iris" ensaia sua primeira lucta com o vento..

Mas suas azas novinhas são tão frageis...

E o zephiro vence-a.. atira a do ramo ao chão..

Coitadinha da borboleta "iris" !...

Num plano mais baixo, o sol demorará mais tempo para vir aquecel a e seccar lhe as azas humidas.

A tarde declina..

O "principe negro", que hontem ainda era botão entreaberto, tremúla agóra, completamente desabrochado, na ponta do seu galho..

Tão lindo !...

As outras flôres olham-n'o com ciume ; antes, ellas, em conjuncto polychromo, embellezavam, e perfumavam o jardim : agora o "principe negro" suplantou-as todas.

...os colibris, em torno delle, brigam na ancia de beijal-o...

O "principe negro" é o soberano do jardim...

A borboleta "iris" vem voando o seu primeiro vôo.

Vê o "principe negro" .. enamora-se delle.

...e poisa-lhe na corolla trescalante, sedenta de mel e de beijos...

A creança loira, dona do jardim, ganhára do Papá um "filet" para caçar borboletas...

Agora, contente, corre contornando canteiros, perseguindo o povo alado que foge espavorido.

Tão linda !...

Seus risos crystallinos sonorisam o ar...

Viu a borboleta "iris" a beijar, amorosa, o "principe negro" ..

Suas côres novas fascinaram-n'a...

— "Ha de ser minha" – fallou...

E muito de mansinho... com pés de lã... foi-se approximando.. approximando... approximando..

Num apice, o "filet" vibrado pela sua mão pequenina cahiu sobre a borboleta e a flôr...

"iris" e "principe negro" rojaram-se ao solo

a borboleta, azas esphaceladas, agoniza

o "principe negro", desfolhado, chóra e cada petala solta no chão, é uma lagrima colorida

Os dois nasceram no mesmo dia

e ,no mesmo dia, morreram os dois

A creança loira, victoriosa, gargalha, enchendo o ar do seu riso argentino

Pobre borboleta !

Pobre flôr !

Mario de Castro Serra

O PRIMEIRO CONCURSO DE ARLEQUIM

O Cupido moderno devia representado empunhando uma caneta. Todo namorado, por menos amigo das musas que seja, perpetra por ahi a sua literaturazinha ás occultas Verdade é que nunca se fizeram cartas de amor tão insipidas, como actualmente. Não ha mesmo fugis deste dilemma: ou o namorado de hoje não ama, ou ama e é incapaz de transmittir o que sente. José Enrique Rodó, o estilista maravilhoso dos **"Motivos de Proteo"** *escreveu certa vez: "Cuantas cartas marchitas e ignoradas merecian exhumar-se del arca de las reliquias de amor!". Não nos perece tenha lá muita razão o arguto pensador de* **"Ariel"**. *Como porém temos a sua palavra na mais alta conta, abrimos um concurso, para premiar o autor ou autora da mais bella carta de amor que nos for enviada.*

AMOR

Tu bem me dissestte que eu te escreveria. E sabes porque o faço? Porque duas pequeninas lagrimas silenciosas, calidas e amargas, borbulham nos meus olhos quasi negros. Parecem que se vão cristalizar, mas estão tão tremulas... talvez se evaporem.

E' triste a nossa felicidade. Apezar de um abysmo incomprehensivel a querer separar os nossos destinos, não desanimo. Os dias correm tão bellos para mim! A natureza mostra-se tão minha amiga! As flôres estão tão lindas e o ceu parece-me mais azul! A passarada chilrea uma canção de amor!

A natureza é tão nossa amiga que nos convida a amar!

A noite estrellada, formosa companheira, chega. A lua, muito pallida, prateia os canteiros do meu jardinzinho.

Penso em ti, e nos meus labios brinca um sorriso de tristeza.

As duas lagrimas pequeninas quedam-se silenciosas, com medo de importunar a minha solidão.

Como é triste a nossa felicidade! Como é bom sonhar! E eu sou feliz! Sou feliz porque sou triste. Sou feliz porque és triste.

A nossa ventura! A nossa ventura! Nossa ventura é uma illusão florida.

Como é bom o romance e como eu estou romantica! E' tão triste viver mas é tão bom amar!

Não nos comprehendem. Dahi o nosso soffrimento. Mas soffrer, sabendo-se amada, oh! como é bom.

E' tão triste soffrer, mas é tão bom amar!

Não te sentes venturoso, na confiança do nosso amor? Sim, diga-me que sim.

Talvez não te escrevesse. Não queria escrever-te. Mas ouço, ao longe, um som de violino. E sabes que som é esse? Esse som é uma valsa. A valsa que tu adoras. A nossa valsa. Esse som, essa valsa, me obriga a escrever-te. Escrevo-te, pedindo-te que, quando acabares de ler, te sentes ao piano e toques essa valsa. Abandona Litz, Beethoven e Rackmanicoff.

Toca a nossa valsa!

Alzira

QUERIDO

Oh! George! Não abras esta carta com o coração alegre, porque verás decepção e amargura, onde devias encontrar apenas amor... e esperança... e sonho...

Comprehendo o mal que te estou causando; sinto que me vaes julgar.

Mas crê que, se não te escrevi até hoje, foi mais pelo horror de te fazer soffrer do que pelo medo de tua maldição!

E apesar de tudo, não vou comtigo.

Porque se fosse, não levaria aquella confiança, aquella certeza que apaga as hesitações, que faz com que difficuldades e trabalhos pareçam bençams, que aquece o coração ante a lucta que é a propria vida.

Minha alma revolta-se contra sua propria resolução.

Sei que a covardia moral para a mulher, é como a covardia physica num homem.

Mas prefiro ser covarde, hoje, a ser uma decepção para teu amor, amanhã.

Disse-te eu, um dia, que te amava, mais do que os homens amam as suas vidas ou os passaros a sua liberdade.

Hoje, quando reflicto no que ora te escrevo, chego até a duvidar que te ame!

Nem eu mesma sei...

A's veses, penso como o nosso amor é antigo... há tantos annos já que nos declaramos, num dia de primavera e de illusão...

Mas, as vezes, George... Talvez não devesse diser-to, mas creio que meu amor, o verdadeiro amor, somente agora está principiando.

Se algum dia tiver esta esplendida certeza, irei...

Mas não. E' muito cedo ainda. E' madrugada apenas...

E só Deus sabe se a tarde vae chegar!

Collina

QUERIDO!

Desce da tua "Torre de Marfim", vamos, e vem encontrar na Terra quem te espera!

Que te vale a busca constante do porque nascemos, do porque vivemos, do porque morremos?

Vem! e eu te contarei baixinho, na sala quente de um palacio encantado, porque encantada deve ser a terra do sonho. Nós nascemos e vivemos para o Amor a mais valiosa e estupenda creação de Deus, a força que move todo o Universo e á unica cousa que vale a angustia de viver!

Verás a inutilidade da tua busca, quando nas tardes do teu outomno, vires que a primavera passou sem que desse flôres, e, que, portanto não seras o cultivador feliz no tempo das searas..

Deixa o orgulho em que te envolves para querer parecer aquillo que não és.

E's poeta! Em teos olhos verdes, vê-se tudo o que sentes e não dizes!

Que bellas cousas ouviriam ouvidos humanos se quizesses abrir aos homens tua alma sonhadora.

Vamos, vem! e conta-me o que vês nesse paiz Ideal, onde as aves do amor passam cantando...

Vês? O luar tece de renda a estrada que percorreremos e a primavera a enche de flôres e perfumes. Passaremos por ella cantando como os passarinhos e... quando por um crepusculo de inverno inclemente, o cego deus, impiedoso nos deixar, eu te contarei então porque morremos.

Vamos! desce da tua "Torre de Marfim" poeta e vem, emquanto ha flôres e perfumes nas estradas, gozar as unicas horas de verdadeira vida que Deus nos reservou.

A vida passa e si tardares, passaremos pela primavera sem ter colhido flôres.

Vamos, vem!

A tua

Spera

CONFORME noticiamos encerramos impreterivelmente o recebimento de cartas de amor no dia 30 de Maio, ás 12 horas e 30 minutos.

No nosso numero de 7 de Junho proximo, publicaremos uma relação completa de todas as cartas que se acham em nosso poder.

RADIUM

o elixir de longa vida.

A'

Mocidade e á Velhice, aos Doentes e aos Sãos

A descoberta do Radio, por M. Curie, data de 1898, chegando-se em 1900 á verificação das Radio emanações, isto é, uma substancia gazosa, eminentemente — Radio activa, com virtudes e mais potencialidade, que as aguas mais famosas, como as de Carlesbad, Gastein e outras na Europa ; e no Brasil, as de Araxá, Lindoya, etc. Essas aguas experimentam o contacto de rochas do precioso metal. Comtudo o seu effeito, só é in loco, *na fonte. Transportadas, desaparece dentro em pouco. D'onde o* inestimavel valôr da descoberta *das Ampoulas Radioemanogenas, do Laboratoire do Radio Baryum, de Paris, com venda autorisada em França e* Licenciada e Approvada pelo Departamento Nacional de Saude Publica do Brasil, sob. o N. 60 de 5 de Março de 1928.

Taes Ampoulas immersas numa garrafa contendo um litro d'agua, 24 horas depois, constituem uma fonte perenne de Agua Radio activa. Perenne, sim, porque as emanações do Radio, não têm finalidade.

Segundo calculos scientificos, essas emanações vão muito alem de 1.000 annos !

Indicações Therapeuticas : a agua Radio activa obtida por meio da Ampoula Radioemanogena, é a mais salutar das aguas de meza, para todo o mundo, e, ao mesmo tempo o meio de defesa mais seguro para as pessoas predisposta *á* uricemia *e a* arteriosclerose ou que soffrem de gotta, areias na bexiga, diabetes, arthrites chronicas, nevralgias ou rheumatismos musculares. Elimina o acido urico do sangue, activa *os* fermentos dijestivos e as secrecões interna *e* favorece as trocas organicas ; corrige *as* fraquezas funcionaes *e* as doenças devidas a uma velhice precoce e anormal. A agua obtida com essas Ampoulas, pode e deve ser consumida por todo o mundo sem restricção nem distinção de idade — preservando a Mocidade da velhice e *á* Velhice dando mocidade !

— Bellas jovens — quereis ser sempre jovens e bellas? usae o Radio do Laboratoire du Radio — Baryum de Paris *que vos conservará a saude e mocidade e que é no que se concretisa a belleza !*

Preparadas nos Laboratorios de Radio Baryum de Paris, com o maior zelo e caprichosa feitura, as referidas Ampoulas são controladas no Laboratoire d'Essays de substances Radio actives de Gif, sob a inspecção d'essa notavel descobridora e benemerita da humanidade — M. Curie, a quem o Brasil já teve a honra de hospedar, dispensando merecidas homenagens. —

Modo de emprego : *Colloque-se a Ampoula (envolta no seu estojo de prata) n'uma garrafa de litro, com agua potavel em condições de frescura e seguro arrolhamento. A agua assim Radio-activa, poderá ser consumida pura ou com leite, vinho ou qualquer* bebida fria, *nas refeições ou fóra d'estas. Cada vez que se beber, dever-se á completar o litro d'agua, para que se faça o consumo maximo de um litro em 24 horas, e por pessoa.* — Cuidado com as imitações *que são as que não obtiveram nem podem exibir a* Approvação *do* Departamento Nacional *de* Saude Publica *do* Brasil

Com A. J. A. Sampaio — r. Barão Tatuhy, 59 S. Paulo — Preço da Ampoula — para um litro d'agua diario, ou seja para uso de uma pessoa — Rs. 250$000 — ou muito mais barato que uma Estação de Aguas, *onde nem sempre se póde ir por deficiencia do tempo ou de recursos ; com a inestimavel vantagem de uma fonte perenne de Agua Radio-activa á 100 m/m curie em sua propria casa.*

Attestados :

Ha longos annos eu soffria de fortes e quasi diarias dôres de cabeça, que eram para mim verdadeiros tormentos, tormentos estes que só eram mitigados por fortes doses de asperina...

Um amigo indicou-me ultimamente o uso da agua Radio-activa — produzida pelas Ampoulas Radioemanogenas do Laboratorio do Radio-Baryum de Paris.

Ha quatro mezes que bebo essa agua e ha mais de tres mezes que desappareceram completamente as dôres de que eu soffria.

Pedem-me para attestal-o : e o faço com o maior przer, pensando ser assim util ás pessoas que tiverem soffrimento egual ao meu. S. Paulo, 20 de Março de 1928 — Jorge Street — (o grande industrial e medico).

O eminente professor Dr. Rubião Meira :

Nos casos em que se empregam as aguas radioactivas, recommendo o uso das Ampoulas Radioemanogenas do Laboratoire de Radio Baryum de Paris, com excellentes resultados — S. Paulo, 20 de Março de 1928 — Rubião Meira.

A Benemerita Viscondessa de Cunha Bueno — tambem faz uso da ampoula com grande proveito, aconselhando-a ás suas innumeras relações.

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I — 24 de Maio de 1928 — N 18

Em laços matrimoniaes

Realizou-se hontem, na florescente cidade de Ararucá, o enlace matrimonial do exmo. sr. prof. Jeremias Pereira, dignissimo Contractador de diamantes, filho de Pai Thomaz, o celebrado habitante da cabana e de Mãi Tapuia, com a prendada senhorita Helena de Machado de Assis, gentilissima Pupilla do sr. reitor.

Na residencia da noiva, em cujo salão de recepção fôra erigido com engenho e arte o altar para a cerimonia, formavam alas de par em par os cavalheiros e damas de honor Romeu e Julieta. Othelo e Desdemona, Abel e Caim, Paulo e Virginia, Abelardo e Heloisa. Esaó e Jacú, Adão e Eva, Dante e Beatriz e por ultimo Paulino Azevedo e aquella mulherzinha que mora naquella rua lá em baixo. Circumdavam esta sumptuosa ala os demais convidados dentre os quaes notamos os seguinte: o marquez de Itú, o barão de Itapetininga, a condessa de São Joaquim, o barão de Limeira, o barão de Tatuhy, conde Lucanor, o brigadeiro Luiz Antonio, frei Caneca, praça do marquez de Rabicó, Pedro de Henriqueta, Henriqueta de Pedro e outras pessoas de somenos importancia.

Perante o escrivão Isaias Caminha effectou-se o acto civil; foram testemunhas por parte da noiva o sr. João de Calais e a Dama das Camelias e por parte do noivo o conselheiro Accacio e a princeza Magalona.

Após o solenne acto religioso, do qual foi celebrante o presbytero Eurico, monge de Cister, ao espoucar da Jurupyga, num bello e feliz improviso, Demosthenes proferiu eloquente saudação.

Uma grandiosa orchestra não executou a celebre Marcha Nupcial de Mendelssohn, mas fez ouvir os sons de melodioso dithyrambo, composição de autor afamado, embora não possamos garantir si era Studbacker, Smith West William Farnum ou Camillo Lellis.

Durante as cerimonias, em acção de graças, rezou-se missa cantada na Cathedral de Blasco Ibanez. Foi celebrante o padre Belchior de Pontes e, pela constante felicidade dos noivos, foram offertadas muitas esmolas aos miseraveis de Victor Hugo.

Aos convidados o illustre amphitryão preporcionou um tratamento em regra, com diagnostico confirmado, após exame de sangue, em que se verificou resultado positivo (3 cruzinhas).

Aos noivos foram offerecidos valiosissimos presentes, dos quaes damos a seguir a relação augmentada:

Do noivo á noiva, um systema nervoso completo; da noiva ao noivo um fino vice-versa de embuia; dos padrinhos da noiva, um olho de agua de barrella; dos ditos do noivo, um cheque mate; do marquez de Rabicó, uma toalhinha bordada, avaliada em tic-tic-tic-tic; de Honor Rocha, uma finissima coróa de ouro; de Pedro Jangadeiro e sra., um cóvo de metal Royal; de Yayá Garcia, um porta-joanetes; de Madame Pomery, um jogo completo de escopa; de Sherlock Holmes, um acertador de relogio da concordancia semiotica; dos Fidalgos da Casa Mourisca, um rico pau de amarrar égua, com frisos de metal; de Oracy Gomes, uma fantasia de Samurais e Mandarins; do Conde de Monte Christo, um cacife completo de estick; dos irmãos Queirolo, uma protuberancia cebacea com arcos voltaicos; de Toniquinho de Angatuba, uma refrigeladeira azeitada com espaldar de amendoim; de Braz Cubas e sra., um vasculejador com traços leves de albumina; de Euzebio Macario e filha, um porta-canivete de crystal de oxalato de calcio e alguns leucozitos do dr. José Carlos e sra., um trombone com tendencias para bombardino; de Esaó e Jacú, ultimo Adeus de seus espósos; de Tiburcio de Annunciação, uma "veieira" de mandasaia; de Quincas Borba, e sra., um sirigote de tafetá "dorée"; de João Feital, um par de escovas de lavar sabão; de Praxé e Gemé, uma rica requin mei rachá, em perfeit estad; de D. Quixote de La Mancha, um porta boá saladeiro; do dr. Alfredo Rezende, um apparelho Nello, com musica e rebarbas; de Elias Calffatti, um finissimo par de arabachuel bas de bronze; de Sansão e Dalila, uma rica pipoqueira á la garçonne; do conde de Luxemburgo e esposa, um qui quiriqui com repique e, finalmente, do conde Monte Carlo um truco-fecha, toma seis, papudo. O que tudo visto e avaliado, acharam valer englobadamente a quantia de 7:836$300, que á margem sái.

Após as cerimonias os nubentes seguiram em viagem nupcial para o Valle de Josaphat, onde passarão mil e uma noites e os ultimos dias de Pompéa.

Ainda hoje o caminhante, quando passa ao Colyseu, vê a pobre ás gargalhadas, vingança pedindo ao ceu.

MASCARA DE COLOMBINA

Precisa-se de uma noiva

Agora sim é que seria bom se você viesse... (Nos meus sonhos de adolecente, sonhos de olhos abertos, tive a certeza de que você viria...) Se você viesse mansinha, mansinha como um gato angorá e se arrepiasse toda ás minhas caricias. Porque agora eu não teria desespêros passadistas de quem prova o amor pela primeira vez. Eu seria bomzinho e faria tudo quanto você quizesse...

Tarde demais comprehendi (depois de tantas experiencias mallogradas) o axioma amoroso de que so ha um meio de vencer uma mulher : ser vencido por ella..

Agora sim é que seria bom se você viesse e ficasse sempre ao meu lado, olhando-me com os seus olhos de amendoa, grandes e parados como os olhos das bonecas.. Eu queria mesmo que você fosse uma bonequinha de carne e ôsso para eu brincar :

— Dorme, dorme filhinha...

E riríamos da nossa infatilidade. Depois, nas noites frias de Junho paulista, você se encolheria toda em mim, todinha nas noites de garôa romantica.

Agora sim é que seria bem se você viesse...
Minha unica preoccupação seria : você!
Minha razão de ser seria : você!
Para mim, no mundo, só existiria você, você, você!

E nas noites frias, bem frias, ficariamos no nosso appartamento todo forrado de papel verde, num oitavo andar, pertinho do céo, a ouvir uma victrola chorar, no silencio verde, a meia-voz, baixinho, um tango dolente...

Ha uns versos do meu queridissimo Rodrigues de Abreu que de tanto repetil-os a mim mesmo tenho a impressão de que são meus :

"Haverá, no Brasil, menina que me espere?
E esperará por muito tempo?"

Ha sempre alguem na vida á espera da gente.. Ha sim. Porque a gente quer que assim seja...

E hoje (que lindo luar de inverno, ha lá fóra...) que estou com uma vontade damnada de casar e bicho carpinteiro no coração, na duvida de que você se canse de esperar-me, mandei pôr um annuncio no "Diario Popular" assim : "Precisa-se de uma noiva. Offertas nesta redacção á

WALTHER BARIONI

Nota: Inutil apresentar-se se não estiver em condicções..

CARAVANA ARLEQUIM

"Arlequim", ao nascer, delineou, de si para si, um programma a realizar. Nada, entanto, disse a ninguem do que pretendia fazer. Não assumiu compromissos. Uma linha siquer não escreveu na qual se propuzesse a executar isto ou aquillo. Appareceu, apenas. Ganhou uma porção de palmas. Agradeceu e sorriu. Elle tinha tanto pra fazer ainda. E, um dia, derepente, os jornaes noticiaram que "Arlequim" patrocinaria um sarau litero musical a realizar-se nos salões do São Paulo Tennis. Depois, no carnaval, auxilou a directoria da Sociedade Harmonia nos bailes que esta organisou e que foram, decerto, os mais elegantes e animados de quantos se realizaram nesta nossa São Paulo. Em se-
guida, sob os seus auspicios, effectuou-se, no theatro Municipal, ha bem pouco tempo, o grande recital de despedida de Marcello Tupynambé.

O bonequinho, pouco a pouco, ia realizando o seu programma. Mas, não quiz dormir sobre os elogios que recebeu. E levando a effeito, afinal, o seu maior sonho, organisa agora a caravana "Arlequim", que sahirá dentro em breve a percorrer algumas das principaes cidades do interior paulista.

A nossa imprensa e a população culta do Estado já se manifestaram a respeito do que pensam desta iniciativa. "Arlequim" tem recebido os mais enthusiasticos louvores. Os jornaes commentam o facto diariamente elogiando-o. E nós, aqui, na redacção, temos recebido tantas e tão grandes provas de que a população do interior espera anciosa a caravana "Arlequim", e contando com bons elementos, estamos convencidos mesmo de que ainda desta vez o benequinho saberá vencer.

Levaremos para o interior, como já o noticiaram os jornaes, as ultimas canções de Hekel Tavares e Marcello Tupynambá, o theatro de Brinquedo, de Alvaro Moreyra, actos variados, poesias ineditas, dos mais festejados poetas brasileiros, emfim, um propagramma que será por nós detalhadamente publicado no numero do "Arlequim" a sahir no dia 7 de Junho proximo. Por hoje, accrescentamos apenas que parte dos resultados financeiros será entregue ao Leprosario de Santo Angelo, a benemerita instituição paulista.

ALMIRA GAMARGO,
ella e as outras senhoritas que figuram nestas duas paginas do bonequinho fazem parte do Orpheão Piracicabano, cuja visita a esta Capital está annunciada para o mez de Junho. "Arlequim" tá doidinho pela chegada... do orpheão.

TROCA DE ALMAS

Um grande mago, depois de meditar sobre a sabedoria dos livros, quiz conhecer os mysterios da vida.

Todas as manhãs ia para o templo e lá ficava escondido entre as columnas, a escutar a confissão dos que se prosternavam diante dos altares.

A tunica branca era tida como a claridade de uma lampada afastada.

O arrastar das sandalias poderia ser tomado como um arrepio de azas poisadas nas cornijas.

Por isso, ninguem se apercebia de sua presença.

De uma feita, quiz o acaso que se rojassem na mesma gelosia o mercador e o mendigo do logarejo.

O miseravel pediu :

— Senhor ! Faze que todas as portas se me escancarem, todas as mãos se me extendem compassivas, e que os cães de dentes brancos e agudos me respeitem a carne e os andrajos !

Pediu o homem poderoso :

— Senhor ! faze que eu, extendendo o braço não alcance o fundo de minha arca, que meus servo sejam doceis, prestadios e nada ambiciosos.

Mas faze principalmente que o fogo devore a casa e os campos dos meus competidores !

Tão oppostas eram as supplicas que elles se olharam com odio.

Falou o mendigo :

— Birbante ! como ousas quebrar a pureza dos altares, fazendo tão criminosos pedidos ? Si eu tivesse seu ouro, toda a terra seria um paraiso ; os homens andariam fartos e bons, os servo seriam doceis e principalmente, não haveria mais mendigos a pedicharem pelas estrada. E o mercador :

— E's esqueroso como vomito de corvo. Si os mendigo trabalhasem como eu, e economisassem como eu, fossem temperantes como eu, dexaria de haver mendigos !

Mas, como as palavras não bastassem, sacaram os seus punhaes.

Na meia luz do templo brilharam dois pedaços de ferro. Mas o mago, que desde o inicio deslizara pela sombra, immobilizou-os naquelle gesto e, mettendo-lhe as mãos nos craneos como em taças fundas, arrebatou duas sarças de fogo, que eram as suas alma, depois, com sorriso de dó trocou-as.

VICENTINA BODINHO

Ambos, vexados sahiram do templo.

Mas a alma de um ia no corpo de outro.

O mercador passara a ser o mendigo e o mendigo, o mercador.

A' porta decendo a escadaria, o sol illuminou-os.

Então, o mercador que habitava o corpo coberto de andrajos do mendigo, investiu contra a figura adornada do mendigo, transformado por milagre em mercador.

— E' um ladrão ! robou-me !

— Socorro !

E o povo espancou aquelle que assaltava um mercador, sem comprender que o mago havia trocado a alma de ambos

Depois, cada um foi para seu lado.

O mendigo mercador, quando ia entrar no seu palacio, foi corrido a pau pelos proprios servos, que viam seu corpo, mas nunca – ai dos homens ! – a sua alma.

E quando elle declarou :

Olhai para mim, que eu sou o vosso senhor ! Deixai-me passar ! — As pancadas e as risadas redobraram e unidos chamaram-no de louco.

Por sua vez, o mendigo, transformado em grande senhor, andou de surpreza em surpreza.

Bellica Canto

SINHÁ MENDES

Ao chegar á cabana, a mulher e os filhos, em logar de o maltratarem como de costume, rojaram-se aos seus pés e perguntaram :

— Que desejais de nós, grande senhor ?

E nem olharam para o seu rosto com medo de offendel-o.

Andou pela cidade, ás tontas.

Os servos do mercador, julgando que elle fosse seu amo e que estivesse bebado, conduziram-no para o palacio ; ali quarenta concubinas dançaram para destrahil-o num salão de marmore, onde as fontes cantavam e os aromatos erguiam para o céu longos dedos azues de fumaça.

O mercador, depois de rolar pelos bairros pobres, enxotado como cão, ficou a despiolhar-se na escadaria do templo, a mendigar para não morrer de fome.

Passaram assim toda a estação.

O mercador feito mendigo embalde solicitou trabalho, sem resultado procurou ser temperante, e a idea de economisar acabou por sufocal-o de um riso doloroso.

Por fim conformou-se com a vida de mendigo. Formou o seu ambiente.

Seus anhelos eram mais mesquinhos do que os seus andrajos

O mendigo feito mercador, com maior felicidade habilitou-se a nova vida.

Um exercito de novidades cercou-o. Precisava sustentar as quarenta concubinas, a legião de servos, a condição na sociedade, o credito na praça. Dentro de pouco tempo, as suas necessidades e as suas ambições eram as mesmas, do antigo mercador. Ambos soffriam.

Certa manhã encontram-se ajoelhados na mesma gelosia.

O mercador (não porque fosse melhor do que seu companheiro, mas porque tinha as necessidades do mendigo (pedia :

Senhor! Faze que todas as portas se me escancarem, todas as mãos se me extendam compassivas, e que os cães de dentes brancos e agudos me respeitem a carne e os andrajos.

E, por sua vez, o mendigo, feito mercador:

— Senhor ! Faze que eu, extendendo o braço, não alcance o fundo de minhas arcas, que meus servos sejam doceis, prestadio e nada ambiciosos. Mas faze principalmente que o fogo devore a casa e os campos de meus competidores !

Desta vez ergueram a cabeça, olharam-se e ouviram fraternalmente.

O mago que estava atraz delles, tirou-lhe as almas e destrocou-as.

E depois disse :

— Comprehender é perdoar.

AFFONSO SCHMIDT

Em Bragança.
A viscondessa de Cunha Bueno entre as crianças que frequentam o Hospital para os filhos dos tuberculoso, sua grande e nobre iniciativa.

As vossas mãos

As mãos, corpo da alma, são as cousas visiveis atravez as quaes se manifesta a essencia do invisivel...

E vos as tendes bellas e leves, minha pequena amiga. Lembram duas flôres de amendoas despegadas quando mais branca e mais estonteante de perfume se renovava a juventude da arvore delicada ao sopro da primavera. Suaves como o ar, como a luz serena de uma madrugada nascida no cimo dos Alpes, entre o explendor da neve. Um reflexo de madreperola as coloria de azul, lá onde as veias subtis – riachos palpitantes da lympha da vida – traçam os caminhos ao sangue no seu misterioso fluir. Revestem-as uma virtude musical ; transfuza, talvez, dos nocturnos magicos, ou das encantadas phrases de paixão e tormento que amaes, na solidão, arrancar do teclado quando o coração se vos enche do mal inexprimivel que está encarnado na vossa propria substancia.

Quem vos olha as mãos, pequena amiga, sente que ellas exprimem um sonho igual ao que devia sonhar o artifice grego, modelador do marmore, arrancando da materia muda as mãos harmoniosas de Demetria, presente real para o esteta de Athenas.

Quem sabe gozar a delicada fatura das formas finas, soube gozar os atomos nos quaes se condensam todos os elementos de elevação erradia na nossa natureza de humanos.

Vos tambem, as vezes, pousando sobre aquellas morbias petallas branco-azues os olhos humedecidos de melancholia, accendestes nas pupillas – sem o querer – uma luz extranha. Então é que vos surgiram do amago filamentos de desejos, uma ancia de intimidade de penumbra, uma vontade torturante de abandono. E as mãos se vos afiguraram creaturas, as unicas capazes de vos libertarem de uma desolação confusa, ressurecta de um estrato intimo de infelicidade...

As vossas mãos...

Eu as admirava um dia com um pouco de esmerecimento e uma sombra de amargura.

Porque? Não sei...

Não o saberei, talvez, nunca, pois temo interrogar, escrutar, rebuscar, a trama dos sentimentos, para saber.

Ainda a visita da viscondessa de Cunha Bueno em Bragança

Quero dizer-vos porem, pequena amiga, o que pensava, quando o silencio envolvia a vossa garganta como um collar, em quanto a tarde quente do verão paulista vos desfibrava de languor, vos enchia de inquietude, vos adocicava a bocca numa prega indizivel.

Recordaes? Havia entre nos palavras não pronunciadas e um fio de seda que, temporariamente, sentiamos ligar as nossas vidas : temporariamente porque mais tarde o fragil liame se desfez esfarellado por cousas banaes...

Tinheis as mãos immoveis sobre frieza esverdeada do vidro que cobria a mesa pequena. E eu as olhava com o olhar infinito que segue as nuvens adelgaçadas, intangiveis, no ceu distante.

Oh! Poder peusal-as sobre minha cabeça febril, sentil-as orvalhar de doçura os meus cabellos negros como orvalho rega, toda noite, o prado antecedendo o crepusculo de chama do Sol. Tel-as assim, fechando os olhos, e escutar e sentir que os pensamentos tristes se desvanecem e que, pouco a pouco voltam aquelles da alegria, viajantes quasi perdidos que reencontrassem o caminho abandonado... imaginal-as duas fadas vindas do reino do destino, cheias de bondade, para forçar a dor sempre feroz a abandonar a presa nunca exhausta.. tocal-as devagar, pelo pulso, acaricial-as até os dedos com ancia, e estremecer á sua consistencia de velludo.

Depois, depois nada. Perder para sempre a memoria do tempo vivido sem aquellas mãos. E a estas confiar a harpa da existencia para que lhe façam vibrar todas as cordas num hymno immortal...

Pensei assim, minha pequena amiga, na afogueada tarde : e hoje transcrevi o que então pensei.

Dizei-me, não me quereis mal?

Cesare Rivelli

Em Bragança. São mais sorridentes do que as paulistanas. O arsinho da do meio, então Tá certo: virtus in medio . .

Um outro aspecto apanhado em Bragança

Damos, nesta pagina, alguns dos mais bellos quadros que figuram na Exposição de Arte Italiana, recentemente organizada nesta capital pelo illustre professor V. Mancusi. Nella

figurando trabalhos dos mais celebres artistas, pode-se sem favor affirmar que a actual exposição de arte Italiana é uma das melhores a que temos assistido.

A Caricatura que ahi vae é de Cezare Rivelli ; nosso velho amigo e collaborador. Ha oito mezes, Rivelli chegou de Buenos Ayres trazendo para esta cidade fria as credenciaes que abrem todas as portas : uma intelligencia viva, delicada e culta, um sorriso moço, affavel e franco, que elle passeou através todos os acasos da sua existencia curta e vária.

Natural de Napoles, Rivelli teve a juventude embalada pelas vagas mansas do Mediterraneo azul, nas praias cinzentas de Santa Lucia. Teve os sonhos quentes da puberdade acarinhados pelas cançonetas suaves da terra do Sol e do Amor.

De Napoles Rivelli foi a Roma fazer-se homem e sentir de perto as paysagens magestosas na qual se processou a historia do mundo antigo.

Roma, entretanto, não bastava á sua mocidade irrequieta. E Cesare foi para França.

Em Paris trabalhou nos muitos jornaes que a sua curiosidade quiz conhecer. Foi redactor do *Temps* e outras folhas que se editam na cidade luz.

Cansaram-no logo a vida agitada e as velhas construcções da capital da França. Ha dois annos, Rivelli atravessou o Atlantico, estabelecendo-se na Argentina. Em Buenos Ayres foi redactor do *Giornale d'Italia* de *Caras y Caretas* e da *Gazeta,* revista que dirigiu.

Publicou então "Sua Maestá lo Straccione" que tanta repercussão teve, mesmo entre nós. Ainda em Buenos Ayres, Rivelli escreveu deliciosas novellas como : "El gaucho", "El ultimo beso", etc.

Um dia, falaram-lhe do Brasil e de São Paulo ; Rivelli fez suas malas e veio se estabelecer entre nós. Actualmente, elle é um dos mais bemquistos redactores do *Fanfulla,* o brilhante matutino italiano que se publica em São Paulo.

Seu estylo nervoso, seu pensamento arrojado, sua penna incançavel, crearam-lhe uma posição de destaque no *Fanfulla,* jornal que poderia ser apontado como modelo; quer pelo feitio sempre novo, quer pelo espirito liberal dos seus dirigentes. No *Fanfulla* Rivelli publicou varios contos, como "L'imbecille", "Le due madri", "Il testamento", etc....

No numero de hoje, offerecemos aos nossos leitores, um seu trabalho : "As vossa mãos", melhor prova do que dissemos.

A escola de Bellas Artes sorri ! Uma dellas não foi protegida pelo photographo, mas o bonequinho garante que a natureza não foi tão má e fel-a linda ! linda !

SEGUNDO CENTENARIO DO CAFÉ

Está correndo os nossos meios commerciaes e intellectuaes um "Album de ouro" organisado pelo presidente da Associação de Imprensa desta Capital, o Dr. Armando Fonseca.

Merece sem duvida, essa iniciativa, todos os aplausos e o melhor apoio daquelles que se interessam pelas nossas cousas. Esse album ficará, naturalmente, para as gerações futuras como indice do nosso esforço e valor.

Arlequim, com prazer ,põe suas paginas á inteira disposição dos dignos dirigentes desse louvavel emprehendimento.

Tá aqui elle. E' o Candido de Arruda Botelho. Já é mais do que uma promessa. Muito mais. Toda gente sabe que elle sabe cantar. E que tem a voz excellente. E toda gente o irá ver,

por isto, no proximo dia 30, ás 21 horas, no salão vermelho do Hotel Esplanada, onde as suas qualidades de barytono conquistarão mais vez um mundo de applausos.

Marilia Escobar Pires e suas alumnas

Toda a gente andava com saudades de Marilia Escobar Pires. A brilhante declamadora paulista. Houve até quem pensasse que Marilia cançada de triumphos e de palmas tivesse esquecido, ingratamente, todos aquelles que, arrebatados pela sua arte magnifica, accompanham com carinho e com interesse a sua ascenção luminosa nos dominios da arte... Pois os que assim pensavam estão enganados. Marilia de Escobar Pires reapparecerá na noite de 7 de Junho proximo e, desta vez, seguida de um séquito esplendido: as suas alumnas Zilda Macedo, Assma Ymsbek, Vininha Dias, Florentina de Falco, Cesarina Rodrigues, Lygia Cerqueira Gonçalves, Ruth Campos e Elza Machado.

Para augmentar o brilho da linda festa de Marilia, que se realisará no Palacio Teçayndaba, os poestas Julio Cesar da Silva e Cleomenes Campos dirão versos e o "venerandissimo" Frei Francisco da Simplicidade lerá uma de suas cartas a Eugenia.

Historia do Homem sem nome

(aos nossos leitores)

Como os nossos leitores não podem ignorar seria muito dificil, senão impossivel verificar-se a procedencia dos artigos que nos são enviados.

Assim é que temos tido grande sorte em sermos obrigados tão somente agora a apresentar ao publico uma rectificação e a um escriptor as nossas desculpas. Publicamos no numero 12 uma notavel estylisação de vida masculina intitulada : "Historia do Homem sem nome".

Recebemol-a da Capital Federal, por intermedio de um amigo, e assignada por Stenilla Smart; disse-nos, o portador, tratar-se de uma senhorita que se occultava, por puro espirito de modestia, sob a mascara de um pseudonymo. Magnificamente escripta e pensada a "Historia do homem sem nome", não poderiamos deixar de acolhel-a, como o fizemos.

Passado tempos recebemos a visita agradavel do Dr. Oswaldo de Abreu Fialho, que, de passagem por S. Paulo, carioca que é, nos trazia uma carta do Dr. René Laclette. Com a carta vinha o annuario do "Jornal do Brasil" de 1927, no qual estava publicado um artigo de sua lavra, premiado no concurso do mesmo annuario, que era perfeitamente identico no titulo, na forma e no fundo ao por nos publicado,a 28 de Março. Como se ve, trata-se de um plagio simples e injustificavel. Simples porque até o titulo foi copiado e injustificavel porque, ao plagiario, não moviam vaidades de autor, tanto que se occultava sob pseudonymo.

Ao Dr. René Laclatte os nossos pedidos de escusa por uma falta involuntaria com a qual, entretanto, lucramos nos que o ficamos conhecendo e o publico que do seu artigo teve conhecimento. Queremos ainda agradecer o espirito obsequioso e culto do Dr. Oswaldo de Abreu Fialho que tão gentilmente nos veio trazer a rectificação E é só.

Senhoritas que estiveram presente ao baile promovido pela Directoria do Pallas Club.

RETICENCIAS...

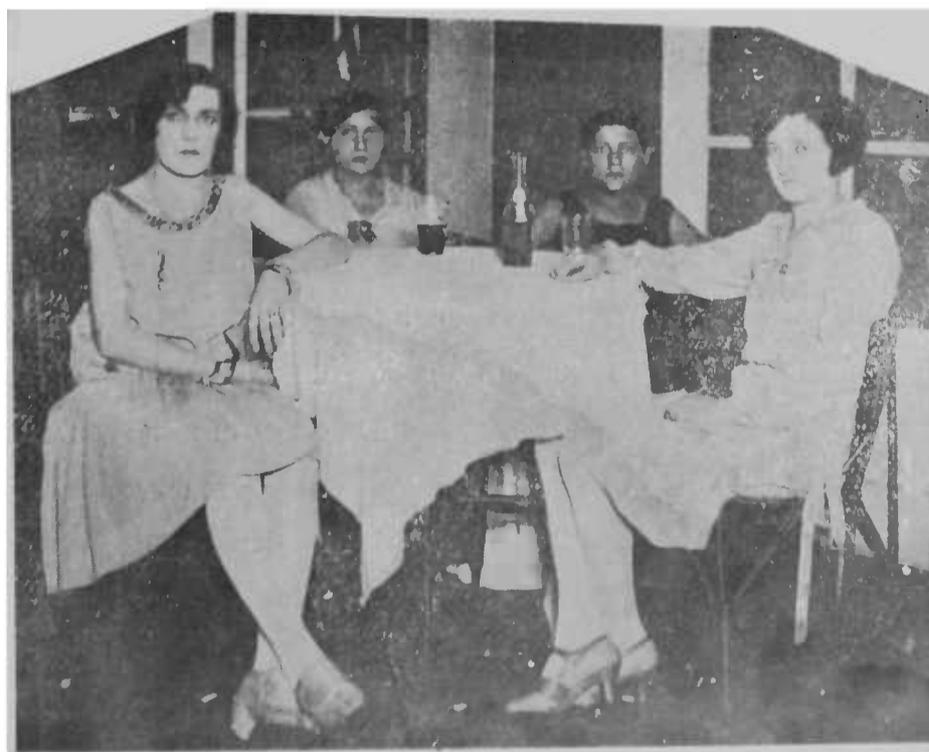
Quando te conheci, foi pelas linhas impeccaveis do teu corpo, pela tua maravilhosa formosura loura que comecei a te amar. Depois, conhecendo-te a alma, ainda mais te quiz, pelas lindas paisagens ignoradas, de bondade e candura, que aos meus olhos se revelaram.

E's perfeita. O teu corpo é o de uma rainha, e tem a graça floral, a elegancia de attitudes, os requintes de faxinação das bellezas victoriosas. E esse corpo é condignamente espiritualisado por um coração puro, cujos primores e excellencias brotam naturalmente como o perfume de uma corolla, em [illegible], rendidos, os que sabem comprehender o infinito poderio da sensibilidade.

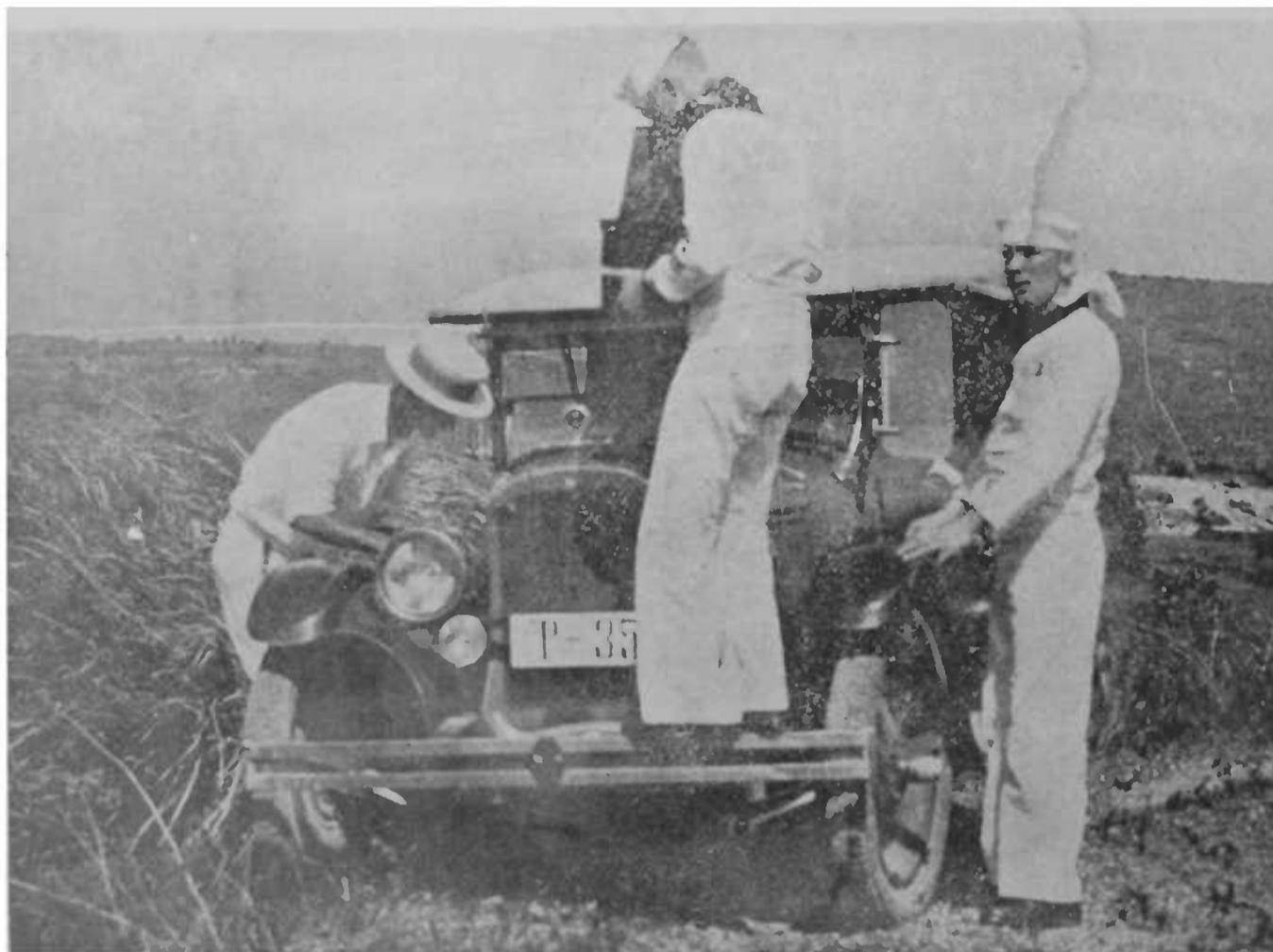
Assim, ignoro qual seja a mais forte das tuas armas: se o teu corpo, se a tua doçura...

Parece que a belleza do teu corpo se transfundiu inteira na tua alma. Ou foi esta que se crystallisou nas formas daquella?

Estranho e delicioso dilemma! Não sei o que mais amo em ti: se o teu corpo [illegible], onde se reflectem todas as magias da tua alma, — ou se a tua alma eleita, que parece resumir todas as perfeições do teu corpo...

No baile do Pallas Club.

JULIETA TELLES DE MENEZES

a bella e maravilhosa artista brasileira
que realisará amanham, no Theatro Muni-
cipal, o seu annunciado recital de canto.
JULIETA TELLES DE MENEZES
é, decerto, das mais applaudidas artistas patricias.
Ainda ha pouco percorreu os mais importantes paizes da
America do Sul, onde foi delirantemente ovacionada.
Chamaram-lhe "embaixatriz canora e sonora do
Brasil" E disseram: "quando Julieta Telles
de Menezes entra no palco, a gente pensa
logo em pedir bis" Julieta é isto
mesmo: onde quer que a gente
a encontre, sente uma von-
tade doida de bater
palmas:
á sua belleza,
á sua arte, ao seu talento!

Maria Stella Leite Guimarães. Com Maria Stella "Arlequim" inicia a publicação da sua galeria infantil. E inicia bem. Filha do Dr. Antonio Vergueiro Guimarães e da Sra. Maria das Dores Morato Leite Guimarães e neta do commendador Antonio José Leite, grande agricultor no nosso Estado, Maria Stella é, na verdade um encanto de creança. E' um lindo pedacinho de gente que já sabe balbuciar "Ar-le-quim"!

Os marinheiros Norte-Americanos navegam no mar... mas navegam, tambem em terra... E, pelo que se vé na gravura, o "Oldsmobile" é o carro preferido pelos marujcs Norte-Americanos que estão fazendo serviços na ilha de Gam

Recorda-te de mim.

Pensa em mim, meu amor, como em ti penso,
Quando a flôr no canteiro se fanar
E quando a areia, como um branco lenço,
A sorrir, fôr beijada pelo mar...

Recorda-te de mim, quando o incenso
Envolver as imagens do altar
Em ondas mansas de um perfume intenso
Desfazendo-se em fumo pelo ar.

Pensa em mim que de ti sempre me lembro
Quando, envolta em seu alvo manto, a lua
Passear airosamente pelo ceu...

. . . .

Quando as rosas se abrirem em Setembro,
Eu te direi, num beijo, que sou tua
E tu dirás que foste sempre meu.

Suzana de Campos

ANTONIO AZEREDO senador e figura de grande destaque da alta sociedade Carioca.

Enlace Maria Victoria Nogueira Decio Ferraz Alvim

Realisou-se no dia 5 deste o casamento da Srta. Maria Victoria Nogueira com o Dr. Decio Ferraz Alvim. Dado o grande circulo de suas relações, compaieceram á casa da noiva, imnumeras pessoas que foram levar aos nubentes votos de felicidades

Outros aspectos do enlace Maria Victoria Nogueira - Decio Ferraz Alvim

Quando ella surgiu para os meus olhos sem esperança, eu pensei que fosse uma lenda maravilhosa do Danubio Azul transformada em mulher.

Os seus cabellos eram lirios dourados de sol. Trazia no olhar de velludo azul, a nevoa duma distancia fascinante. Os labios revelavam os sonhos dum crepusculo vermelho de beijos.

E o meu coração que era fechado a uma saudade que não devia nunca ter fim, chorou de alegria.

O perfume extranho de sua carne palpitante, invadiu o silencio da minha juventude.

Apontaram no horizonte nuvens magnificas, transbordantes de esmeraldas. .

Resplandeceram as estrellas em busca do Destino.

Rolaram lá da immensidade as lagrimas do astros em delirio...

E por longo tempo fitei a melancholia daquelles olhos plenos de perolas humidas de luz.

Na minha alma principiaram a se esfumar as curvas das distancias intangiveis.

De quebrada em quebrada se desenhou a alvorada estupenda do amor. .

E eu fechei os olhos para o meu Destino maravilhosamente azul.

LUIZ ERBON

ELEGANCIAS FEMININAS

e talvez voce não creia, Marilú. Eu preciso mesmo, que voce não acredite, afim de continuar a ser, para o seu coração, o "amigo mau"

Mas não sorria. Faz-me mal o triumpho que verei, depois, nos seus olhos. Essas duas esphinges de luz estão gargalhando agora uma victoria, que, de resto, era facil e da qual voce nunca duvidou.

E porque tão caridosamente voce fingiu acceitar a displicencia amavel com que eu pretendia encarar a grande Indifferença da vida, é que eu resolvi fosse voce a unica a receber este "confiteor"

Foi simples e foi banal.

Eu passo, invariavelmente o meu anniversario em casa da sua grande amiga que é minha irmã.

Na Vespera, á noite fiquei no escriptorio, a ler, até tarde.

Quando veio o somno, todos dormiam na casa. O meu quarto fica junto á sala de jantar.

Estava escuro. Dei volta ao commutador, distrahido. Logo uma coisa chamou a minha attenção para a mesa. Era um véo branco. Tomei-o nas mãos

Fino, leve, impalpavel, quasi, um manto de gaze, simples, amplo, envolvente.

Celia Augusta, essa boneca loira que nós adoramos, faz amanhã a sua primeira communhão. Ella mesma veio dizer-me após o jantar, sentada sobre os meus joelhos

— Titio, voce gosta muito de mim, não é? Amanhã eu vou dar pr'a voce um presente muito lindo, ouviu!

Ella era toda um sorriso maravilhoso, no brilho de malicia deliciosamente ingenua que os seus olhos de creança reflectiam e no grande mysterio que os labios queriam encerrar, n'um muchocho guloso de beijos.

O veu da primeira communhão de Celia Augusta.

Fiquei com elle nas mãos, a olhal-o, nem sei quanto tempo alheiado, fora da vida.

E porque seria, Marilú, que ao dar accordo de mim, ainda com o veu nas mãos, um pequenino circulo de humidade manchava o tecido transparente, impalpavel, que eu tinha sob os olhos?

O espelho da etagére reflectia, á minha frente, o seu pobre "amigo mau"

Como voce teria pena Marilú, se o visse áquella hora, como eu o vi, cabellos já um pouco grisalhos, olhos brilhantes de quem tivesse chorado. E que exquisita a expressão daquelles labios, assustados elles mesmos de não se verem um pouco contorcidos pelo velho habito de uma ironia antiga que a vida foi deixando ali, um pouco, todos os dias.

Trinta e sete annos! E, na alma, um grande espanto maravihado de saber que não posso ser só!

Porque teria eu chorado Marilú?

M A R I L Ú

Nossa primeira communhão, que grande alegria representa para nós todos este grande acto de nossa vida.

As commungantes, neste dia, trazem no rosto uma expressão que ellas desejariam grave, mas que nada mais é que a rosea alegria e o delicioso embaraço de suas saias compridas que lhes communicam aos gestos um encanto affectado que nos delicia. Não sei si me engano mas eu as acho a todas bonitas, desde a filha do povo, desherdada da fortuna, seguida de sua mãe com seus trajes domingueiros, até a preciosa rosa branca encolhida no fundo de sua sumptuosa limousine.

São todas bonitas uma vez que se mantenham simples e que seu encanto seja feito de tradição.

E' necessario que a saia seja comprida, muito ampla, importa que as mangas apertadas no pulso conservem-se classicas, e que principalmente o bonnet não tenha nenhum exagero que o assemelhe a um diadema de noiva. E' necessario que apenas com um que de differença, revivamos a nossa infancia, nós hoje pessoas grandes, tristes e serias, a nossa infancia que acompanhamos com o olhar saudoso quando passam deante de nós no mez de Maio essas visões cobertas de véos tão frageis e tão brancos.

PANCHITO

Tango de **Fernando de Sampayo**

Em Araxá

Um grupo de veranistas. Sombrinhas. Um carro de bois. Bois, naturalmente. Um cavallo e um cavalleiro deselegante. Ah! "Arlequim" ia se esquecendo dos que estão de mãos dadas Mas, dizem-nos que a estação em Araxá esteve bôa mesmo.

CINERAMA

A menos que a photographia saia irreconhecivel creio nada dizer de novo dizendo que esta é de Ramon Novarro.

Creio mais que a vida quando be'la o é muito mais que a Arte, a despeito de Wilde, e porisso, em lugar de chronicas tenho dado aos leitores de "ARLEQUIM" retratos de lindos especimens humanos.

Pelo que espero me fiquem gratos!

PEDRO HORTIZ

Instantaneos

Esta minha Kodack instantanea:
Apanha quando quer qualquer photographia!
E assim, já retratou um senhor, que hoje em dia,
Tem grande coração e alma contemporanea.

Jornalista de peso e d'Humor delicado,
Em tudo quanto escreve nos mostra o que elle é
E que a fnndo conhece, de cór e salteado,
A sciencia que tem em fazer "roda-pé"...

(Não gosta do que é "salgado",
Salgado com exaggero...
Ne entanto o que é temperado
Por elle, tem bom tempêro!..

E' as vezes, violento! A sua alma pacifica
Num instante, porém, o seu "eu" pacifica...
E o critico apoiando a sua alma scientifica
De tudo o que ella diz, quietinho, sciente fica...

Confesso francamente: em tal photographia
Nem tudo revelei.. mas dei o mais que pude,
Porque o dono da mesma, que é o homem do dia,
E' de sciencia e saber, um colosso — um aÇUDE.

Effe — de — Que

Santa Therezinha e as flores

Santa Therezinha amava as flores e entre estas, distinguia muito especialmente as rosas.

E' que as rosas têm um perfume subtil, suave; e subtil era a alma dessa Santa que tinha carinhos para as flores.

Santa Therezinha enchia continuamente o seu lar de flores, de rosas — O lar deve ser o élo de affectos que ligam indissoluvelmente, na vida e na morte, no prazer e na dor, pessoas do mesmo sangue, sob o mesmo tecto. E, como conseguir esse ambiente santo? Pelos bons conselhos ; pelos bons exemplos ; pela oração em commum. Um bom e escolhido livro de orações e um rosario com devoção e fé são penhores seguros da vida de além tumulo.

Encontrareis, a preços reduzidos, em grande variedade, sortimento egual, ou o que quizerdes nesse genero, á rua Santa Ephigenia, 45-A. Casa Santa Ephigenia — Rosarios. Livros de missa e de orações — Objectos de piedade, para presentes. Fitões do S. S. Sacramento, e Opas e balandraus. Imagens, alfaias, estandartes, damascos, vestimentos para anjos. Artigos para bordar. Santinhos. Paramentos. Artigos de 1.ª Communhão e tudo quanto se relaciona com artigos do culto Catholico.

PERDEU-SE..

Um dos redactores de "ARLEQUIM" perdeu dia 21, á tarde, no largo de São Bento uma valise contendo joias, um "diario" femenino, e objectos de uso particular.

PERDEU não ; foi roubado.

Seria, portanto, inutil que annunciasse gratificações a quem lhe devolvesse a mala. Pede, apenas, ao ladrão que lhe envie o "diario" e, se possivel, os objectos de uso particular que teem valor puramente estimativo.

Não communicou e não communicará o facto á policia merecendo, assim, uma certa gratidão do larapio.

Apella, pois, para a generosidade de um coração que, está certo, comprehenderá esta supplica.

CAIXA POSTAL 3323.

Ah ! Cyrano ! Pobre diabo
Que de qualquer dava cabo
Só por causa do nariz !
Foste o rei do galanteio
Mas eras feio.. tão feio
Que Cupido não te quiz !

Bom pode ser que me engane :
— Apagarias Roxane
Completamente da idéa,
Si visses por um momento
Esse cortejo portento
Das bellas da Paulicéa !

Da vida no triste outomno,
No solitario abandono
Dum Cyrano de chimera,
Acho a tudo um paraizo,
Ao ver o lindo sorriso
De Albertina Primavera.

Nesta existencia em que vivo,
Não vi olhar expressivo,
De cigana feiticeira,
Que possuisse o chammejo
Tão bello como o que vejo
No olhar de Yolanda Teixeira.

Seus olhos verdes-doçura
Encerram tanta ternura
Meiga Alzira Ludovice,
Que é como se a gente olhasse
No moreno de sua face
E olhar de velludo visse !.

Canções de Hekel Tavares
E melodiosos cantares
Deste Brasil que adoramos
Vivem na graça e no encanto,
Na suavidade do canto
De Babá Antunes Ramos.

Pediu-me que não rimasse
E que a ninguem revelasse
Nem um nada !... Estou calado !
Mas a idéa deixo escripta :
Que você é tão bonita...
Não é, Maria Penteado ?

Dr. FELIX

Dona Ironia – a elegante
Intelligencia vibrante
Que fere mais do que o raio,
Anda em bôa companhia
Junto a graciosa ironia
Que tem Brasilia Sampaio !

Ella é tão clara que deve
Ter sido Branca-de-Neve
D'olhos côr do firmamento..
E nessa radiante alvura
Ve-se toda a formosura
De Julieta Nascimento.

"Arlequim" anda contente
Porque soube ultimamente
Duma cousa – grande cousa !
Que possue como leitoras
As irmãs encantadoras
— Senhorinhas Paula Sousa !

E assim

Quando os laranjaes
flôriram
nos encontramos na vida !

E o laranjal
estava esplendido !

Mas, um dia,
sopraram os ventos frios.

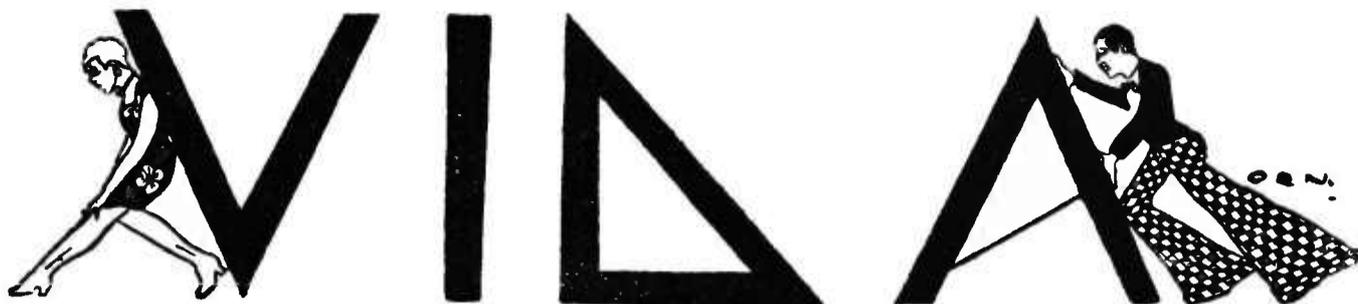
E toda tarde,
quando o sól a medo
se escondia por detraz das nuvens,
as delicadas flôres
embalsamando o ar
cahiam,
cahiam silenciosas...

E a gente vendo
aquella alfombra macia,
perfumada
côr de luar,
pensava,
que uma donzella
deixara, alli,
o seu véo nupcial...

E uma a uma
o laranjal
perdeu todas as flôres.

.toda belleza...

E assim, minha doce amada,
foram, tambem,
as esperanças do nosso Amor !

de Lima Netto

E elle contava :

— "Tarde. E' a hora morena do crepusculo. Pela estrada poeirenta, segue suarento o peregrino. Seus olhos imensos têm, de cansaço, o tremulo brilho de um cirio, e a bocca mais vermelha que o bago da romã está mais ressequida que as rochas de Gabalena e como ellas sabe a poeira. Chegado ao cimo do monte Moria pára o peregrino. Senta-se depois, encostado ao tronco dum sicomoro gigante e olha com os olhos cansados, a bella Jerusalem que resplende na gloria dos seus muros brancos. E pensa... E sonha... Foi ha tanto tempo... seus olhos já não veem quando, mas foi ha muito tempo. Elle deixára Fatima, sua noiva mais pura que os lyrios do gracioso valle do Hinnon... E á despedida disseram que isto era da vida... — E o peregrino, pede a Dagon, divindade toda poderosa, que lhe ensine que é a vida.

Então, como por encanto, da poeira branca da estrada de Jerusalem, surgem trez velhos que caminham para o peregrino. — O primeiro vem enrolado num manto de velludo refulgente de pedraria. Tem na cabeça uma corôa de folhas de carvalho que reflectem o brilho do seu olhar, e quando elle anda o vento fere o kinnor de oiro e perola que lhe pende ao flanco e delle sobe um soluço harmonioso. — O segundo ancião tem uma barba tão branca, que se confunde com o turbante de linho que lhe envolve a cabeça magestosa. Pende-lhe dos hombros um grande manto roxo que se arrasta na poeira apagando os traços deixados pelos seus coturnos. Seu olhar é mais penetrante que o da aguia e o nariz mais adunco que o bico deste passaro. — O terceiro é o mais pobre dos trez. Seu andar tropego é o dos vencidos na vida e sua cabeça não tem a envolvel-a o branco turbante de linho ou a corôa dos genios.

O peregrino levanta-se, respeitoso.

— Salve ! Que Dagon seja comvosco !

— E comtigo. Salve ! responderam os anciãos.

— Sentai e descansai da caminhada, senhores. Aqui tendes o que vos ha de refazer. Se tendes fome provai destas tamaras da Arabia ; se tendes sede tomai do meu vinho de Eugaddi. Elle

é digno de vós, enviados do Deus que viestes para ensinar-me que é a vida.

— A vida... Ora, a vida... — começou o poeta aconchegando-se na capa de pedraria : — A vida é a consequencia do amor... Ama, e terás vivido. Não tenhas medo do amor, que elle é mais suave que o canto das virgens, mais encantador que a dança das Moabitas !

— E o amor não engana ?

— Sim. As vezes o amor nos parece mais bello e mais macio que as penas dos pavões, mas é mais cruel que a espada do carrasco... Mas si queres viver, terás de amar. Pode ser que ames a ti proprio, mas teu coração terá que estar cheio de alguem. Ama logo ! Ama depressa, porque a vida se esfaz mais rapida que o fumo do altar de Elohim. A vida é um sonho que passa, é o coração do amor. Quando um poeta, canta, costuma-se coroal-o de rosas e de louros. E o amor é como a poesia... Quando o homem ama tambem recebe uma corôa. A vida é uma grinalda de rosas.

— Mas a vida é sempre uma corôa de rosas ?

— Oh ! Não ! peregrino... Muitas vezes a corôa tem mais espinhos que flôres.

— E vós, senhor ! — pediu o peregrino ao segundo velho : — Falae !

Passaram nos olhos do ancião, relampagos vermelhos como se elles reflectissem a calmaria do espaço. Depois, fixando a vista nos muros da cidade, começou o velho : — A vida... é para a alma o que a ventania é para um lago azul e tranquillo. Na sua quietude azul nada mais faz o lago que embellezar-se a si proprio.. A ninguem aproveita... As arvores e plantas que se espalham pelas margens, nunca receberam delle o carinho duma gota de agua. No seu calculo frio e egoistico, o lago azul humidece unicamente os logares onde florecem os narcysos brancos e a neve e os lyrios mais azues que a côr do céu. E com sua guirlanda de lyrios e narcysos, inda mais bello se torna o lago azul... — Mas vem a ventania ! Passa levantando ondas mais altas que as collinas de Sillo, e com as gotas que saltam dessas ondas asperge e vivifica as plantas das margens. Só então o lago se torna util. E a alma é como o lago azul : A vida é a opportunidade que lhe é dada por Deus de praticar o bem..." E tendo falado, o velho com a ponta duma vareta de marfim, começa a traçar signaes cabalisticos na areia.

— E vós, senhor, que sorrides ironicamente ! Dizei-me que é a vida !

— Para que, peregrino, me perguntas que é a vida ? Si eu te respondesse, dir-te-ia que ella é soffrimento. E aconselhar-te-ia então : — Soffre ! Soffre muito, e viverás... Se o soffrimento não vier a tua procura, procura-o tu mesmo ! Não deixes de soffrer si não quizeres passar pela vida sem a ter vivido. E tu havias de dizer : — Para que viver, então ? E tornar-te-ias tão sceptico e infeliz quanto eu... Por isso peregrino, vive e soffre !... Mas não perguntes a ninguem que é a vida..."

....

E na cabeça do poeta moderno, turbilhonavam os versos de Francisco Octaviano :

"Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido remanso adormeceu,
Quem não sentiu o frio da desgraça
Quem passou pelo mundo e não soffreu,
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida : — não viveu !"

Ella arranjou as pregas da ampla saia de estylo. Compoz em redor do pescoço a echarpe que a envolvia numa nuvem de oiro. Levantou-se.

— Ora, você está muito pau ! Muito soffredor ! Deixe-se de preguismos. Vamos para o salão. Venha dançar.!

A vida...

Cartas de João d'Ether

por Pedroso d'Horta

VIII

Meu caro amigo :

Esta carta seria uma longa procissão de reticencias e exclamações, caso a vaidade humana não houvesse deturpado a accepção dos signáes graphicos que me convinham.

A nobre reticencia está reduzida é condicção mesquinha de marco indicativo das malicias escondidas, ou almejadas ; quando, por natureza, ella deveria ser o veu pudico das phrases perigosas. E a exclamação, plantada nos periodos que encerram cousas arrojadas, ou ingenuas, é o poste atráz do qual se esconde a honorabilidade do autor.

A exclamação, entretanto, meu amigo, elegante e sobria como é, deveria symbolisar apenas a grandeza indescriptivel dos sentimentos que nos empolgam.

Se assim fosse repito que esta carta seria uma procissão de reticencias e exclamações.

E' que ao fim de uma existencia longa, feita de leituras honestas e sensações que não o foram, eu concluo infantilidades. Por exemplo : que o desabar dos montes tem a faculdade de soterrar os homens. Infantilidades admiraveis, como vê, quando se verifica que os montes podem ser de outra materia que não terra e calhau. E concluo o que lhe disse porque um espirro de Marcia derrubou o Hymalaia do meu bom senso. Claro que ainda não morri mas quem nos mata não é com certeza a ultima pancada e sim a primeira que nos impede a fuga. No caso, a primeira pancada foi um espirro de Marcia que não me deixou fugir da segunda — um beijo — e das outras identicas á precedente, na forma, na extensão e no ardor.

Eu estava no meu quarto repousando o corpo e o espirito. Aquelle com as caricias molles de uma poltrona estofada ; este, com as "Confissões" ingenuas do attribulado e santo bispo de Hippona. Intempestivamente Marcia entrou. Creio que o todo, no momento, se prestava bem a uma descripção feita de delicadezas e volupias legaes. Mas não lhe dou a descripção, meu amigo. Só lhe direi que os "braços morenos e roliços" continuavam nús e que o seu vestido de chita se rasgára no mais indiscreto e delicioso dos pontos, lá pelas alturas do hombro direito. Arquejante ,os cabellos cahidos Marcia trazia qualquer cousa insolita, nos olhos, e outra, delicada, nas mãos.

— Olha que lindo ! E ajoelhando-se em frente á minha poltrona, mostrou, com cuidado, um passarinho horroroso que aprisionara no campo.

Tremiam-lhe as narinas côr de rosa e, como ella falasse, eu sentia dansar, no meu bigode aspero, o seu halito fresco. E Marcia falava com uma volubilidade espantosa, interrompendo-se para beijar a cabecita do passaro, mimando-o com os labios, erguendo-o com ambas as mãos, passeando a sua plumagem macia pela minha barba rude. Foi quando o diabo lhe insinuou que me offerecesse o animal. E como ella m'o desse tomei-lh'o com as proprias mãos... para que não fugisse.

Nesse momento a moça espirrou, nossas testas se chocaram, tão perto estavam, e nós ficamos a olhar, um para os olhos do outro, maravilhados, desfibrados, enrubecidos e tontos. O sól, em jorros de um amarello canalha entrava pela janella aberta e uma cigarra nos gritava que lá fóra o mundo era o mesmo. E nós alli dentro, abobados e inertes vendo infinitos de ternura nos olhos que nos olhavam. Os labios rubros de Marcia tremeram de leve, nervosos, e os meus lhes foram dizer que não tivessem medo..

E repetiram-n'o tantas e tantas vezes que a noite já morria quando elles, saudosos, se disseram baixinho : — até logo.

A tarde seguinte viu a mesma scena, na floresta, sem Santo Agostinho, sem passaro e sem fitar de olhos. E assim successivamente, nos dias successivos..

Foi num d'estes, entre duas caricias, que os labios de Marcia consideraram o bem immenso que queriam aos meus. A tortura que seria viver sem elles ; o desejo louco de uma união eterna, approvada pelo vigario e pelo juiz. Os meus consideraram, por sua vez, que a eternidade amorosa sendo cousa humana era transitoria como as que mais o fossem. Que as approvações remuneradas tinham um valor todo social, portanto nenhum para nós, "chipanzés" solitarios e "meditativos".

Os labios de Marcia se contrahiram num amuo doloroso, mas os olhos, seus irmãos ousados, me disseram tanto que cedi.

* * *

Em resumo, casei-me. E, naturalmente, arrependome quando já não ha remedio.

Marcia perdeo os encantos da amante ; sinto, na sua bocca, o gosto do incenso que vagava pela Igreja, quando nos casamos. Ha, nos abraços que lhe dou como que a sa tisfacção do jurado ante o juiz de paz.

Depois, meu amigo, ainda ha esta cousa tremenda que é a minha velhice e a mocidade d'ella !

Estou exhausto, sem nervos e sem forças, emquanto Marcia estua de seiva e mocidade...

Os pequenos malentendidos ja se fazem entre nós e ella, absolutamente falta de espirito logico, me irrita as vezes, com as tolices que sonha.

Fala-me sempre em nos estabelecermos na cidade, no absurdo que é esta vida para um casal rico como o nosso.

Chamou-me velho, uma tarde, "cacete", de outra feita, e, finalmente, "idiota". O meu amigo comprehende o nenhum valor objectivo d'esses epithetos, mas não calcula o subjectivo.

Percebo que sou demais na minha casa e portanto no mundo. Eu saberei sahir sem escandalos pois é verdade que a vida não póde ter outra solução para os velhos que, como eu, teimam em ter saude. O divorcio é uma inutilidade para mim ; em qualquer parte serei o mesmo ; um feixe de nervos de paixões violentas e um cerebro frio que ri do que não domina.

A vida é dos moços, meu amigo, é a vibração intensa dos corpos novos. A vida é a loucura, é o prazer, a esperança e as desillusões precoces. E a mocidade é o vicio, a inconsciencia, a belleza, o arrojo e o sonho.

Um remorso porem não tenho; senti o que me foi dado sentir. Sou uma ruina, mas as ruinas nem sempre o foram! Falhado o meu desejo bucolico de sensações simples não se explicaria que eu insistisse em viver si a vida só vale pelos prazeres que faculta. Por isso, meu amigo, terminada esta carta, porei dentro do meu corpo as duas grammas de morphina que estão aqui ao lado. A morte não me amedronta – espanta. O meu amigo concordará que seria absolutamente descabido que ainda me arranjassem um lugar de castigos, ou recompensas. Eu não tenho feitio para uma existencia entre deuses, na intimidade de anjos e santos.

Eu faria tolices imperdoaveis. Enfim, tenho bôas razões para crêr que ninguem me perturbará o somno da dissolução. Deixo-lhe, em testamento, o meu cachorro Calchas e a bibliotheca. Peço-lhe que arrume os negocios de Marcia, e, si a ambos convier, diga-lhe que lhe mostre passarinhos. Do teu, ás ordens, cá e lá

João d'Ether

A espera da que não veio

Amanhã, no Bar Viaducto,
'As 4 horas, — ella me disse,
A vóz macia e azul..

E os meus olhos leram nos seus olhos,
Todas as promessas divinas
Daquella entrevista de amôr..

O dia amanheceu brusco, ennevoado,
Côr de cinza.. Um dia doente, triste...
E eu passei-o na espera, no ánte-goso
Do meu céo das 4 horas...
Que dia longo.. Como é longa a espera,
A espera anciosa da felicidade!

Quando faltava pouco para as quatro,
O céo se desannuviou,
E a natureza toda se illuminou de sol!

E eu, no bonde, ia pensando:
E' a Alma de Tudo que se engalana,
Para a hora rósea do meu amor!

O coração, acrobata,
Do grande Circo do Sonho,
No peito entrou a saltar.

E a espera foi-se prolongando,
Prolongando, prolongando,
E os minutos – eternidades –
Lentos e longos, iam tecendo
Um commentario de atro'z ironia,
Para a ancia rubra do meu amôr!

Espero... Espero... Nervoso afflicto,
E ella não chega.. Não vem...
Não veio...
Que solidão!
Não quiz, não poude, que sei? — Não veio.
Fiquei sosinho com a minha Dôr.

Essa tarde não teve crepusculo.
O sol pouco durou:
Em densas nuvens bronzeadas,

E a tarde morreu,
Triste, sombria, côr de cinza,
Sem pôr-de-sol!

José Cordeiro

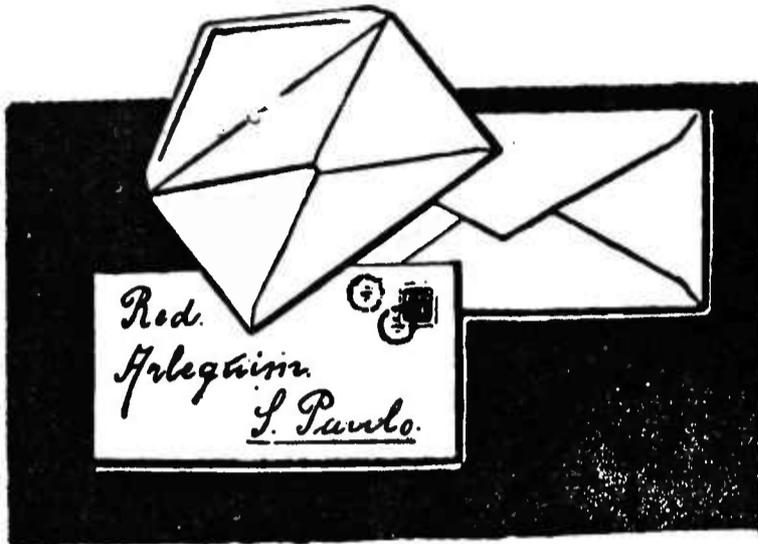
AOS QUE NOS ESCREVEM

ILLUSTRAÇÕES DE BABY

Clèo (Rio de Janeiro) — Obrigado por todas as coisas bonitas que me disse. E se você deseja mesmo que "Arlequim" seja o seu cicerone, elle se colloca á sua inteira disposição, e vae até dizer a você o que você verá e o que deixará de ver nesta São Paulo de arranha-céus e nuvens cinzentas. Ha, aqui, coisas interessantes. O triangulo e a "jeunesse dorée", por exemplo. O triangulo é como chamamos o centro da cidade constituido pelas ruas Quinze, Direita e São Bento, que formam (com um pouco de bôa vontade, já se vê...). aquella figura geometrica, em cujos angulos ficam a Casa Mappin, a Casa Lebre e, no fim da rua Quinze, a praça Antonio Prado. Em cada um destes pontos se colocam, quando é de tardesinha, alguns rapazes, alguns senhores e muitos meninotes, que dizem ás mulheres que passam galanteios sem espirito. As senhoras e senhoritas da alta roda só vão á cidade de automovel. Não andam quasi nunca a pé, ou por não gostarem, ou por saberem que dentro de um Packard ficam, incontestavelmente, mais bonitas. Ha os que affirmem que "ellas gostam de andar a pé mas que ellas sabem que não sabem, na rua, por um pé adeante do outro" Isto, entanto, deve ser maldade... Os dias chics, no triangulo, são as segundas e as quintas, quando as elegantes de São Paulo vão tomar, ás cinco horas, chá na Casa Alleman, onde ha um salão muito bonito, uma porção de garçons empertigados, e uma orchestra que abusa detestavelmente da musica classica. Tenho um amigo que affirma que nesta Piratininga ha o preconceito da tragedia. Tudo aqui é feito com attitutes dramaticas Tudo. E se você entrar, de repente, numa casa de chá, pensará decerto que todas as pessoas que se encontram la dentro vieram de algum enterro. Ninguem ri ou sorri. Ninguem levanta a voz nem um bocadinho. Ninguem gesticula. E, por cima desta sensaboria toda (que aqui em São Paulo recebe o nome bisarro de distincção) o violino da orchestra não cessa de interpretar a Traumerai de Schumann, a Serenata de Braga, ou a Ave-Maria de Gounod, composições lindissimas, com certeza, mas improprias para estes lugares. Garanto-lhe entanto, minha amiga, que isto é pouco, ainda. Imagine você que eu assisti, em pleno carnával, numa terça-feira gorda, um cordão carnavalesco entoando, em plena avenida, os versos da Ave-Maria:

"Cae a tarde tristonha e serena
em suave (...e não sei mais o quê...) langôr, etc."

Como você vê, o meu amigo tem razão. Os paulistas levam muito longe o preconceito da tragedia...

Agora, a "jeunesse dorée". E' intereesante, tambem. São meia duzia de rapazes que não se desgrudam. Onde um está, encontram-se os outros. Têm todos muito dinheiro, muitos automoveis, muitas namoradas, etc. A unica coisa que lhes falta são idéas, o que lhes não importa nada. Não possuem elles muito dinheiro? Para que. então, idéas? Mas, esta meia duzia de rapazes de vinte e dois, vinte e trez annos fornece a quem os observer bons minutos de riso. Elles se declaram viciados, perversos, elegantes cynicos. Têm uma porção de "casos", na vida. E contam: "hontem, que tragedia! Aquella cara não tem treino e quasi nos poz na embira" E outro: "compramos "coca" a cem mil réis. Foi barato. Um dia..." No fundo, entanto, Cléa, estes meninos são mais innocentes do que os cherubins e mais ingenuos que Adão. Não sabem siquer a cor das drogas de que se dizem intimos.

E adeus, minha amiga. Perdoe-me a prolixidade, pelas muitas descomposturas que vou apanhar. Estes paulistas...

Sonia (Capital) — Absolutamente, minha amiga. O bonequinho continua a querer-lhe muito bem e ficará triste se você o abandonar. Você não foi importuna nunca. Escreva-me de novo uma carta bem grande, pedindo-me qualquer coisa, e prometto satisfazel-a.

B. D. (Capital — Se você é pessoa de espirito, como parece, não leia Marden, que é indigesto e insoso. Só os ingenuos e horrivelmente mediocres podem admiral-o. Não se preoccupe com o desanimo que o invadiu ultimamente. Distrai-se, isto sim. Procure rir. Não inutilise o seu subconsciente. Obedeça-o antes. Satisfaça os seus prazeres. Despreze um bocadinho mais e mande ás ortigas os preconceitos tolos. Não pense no futuro, que não existe. E viva!

Dely (Jahú) — Sim, a caravana "Arlequim" chegará até á sua cidade. E você, muito boasinha, deve ir desde já preparando terreno para ella.

Joyce (Capital) — Como julgo Pitigrilli? Admiravel, magnifico. Elle é, decerto, e mais soberbo dos humoristas italianos. Prefiro-o mesmo a Mario Mariani. O humor de Pitigrilli faz bem á gente. E' saudavel, barulhento, desarrumado, largo. E perdoe-me agora, Joyce, o enthusiasmo que tenho por este homem, do qual você "ouviu dizer" coisas terriveis...

VALERIO

Economia

Os fabricantes dos Caminhões e Omnibus Graham Brothers acreditam que a economia nas despezas de operação, occupa o mesmo gráu de importancia que a fidedignidade, força e velocidade de um vehiculo.

Cada typo, cada Caminhão, cada Omnibus é esboçado e construido visando um alvo principal —a economia, ou seja: reduzidos gastos de operação, o que implica: maiores lucros para o proprietario.

O Caminhão Graham Brothers de 2 toneladas, de 6 cylindros—rapido e potente—já está provando por si mesmo que é um productor de lucros para os seus proprietarios, por effeito dos gastos de operação em extremo reduzidos.

CAMINHÕES E AUTO-OMNIBUS
GRAHAM BROTHERS

CONSTRUIDOS PELA SECÇÃO DE CAMINHÕES DE DODGE BROTHERS, INC.,
VENDIDOS PELOS AGENTES DODGE BROTHERS NO MUNDO INTEIRO

Agentes geraes: Antunes dos Santos & Cia.

Rua Barão de Itapetininga, 39-41 — SÃO PAULO